

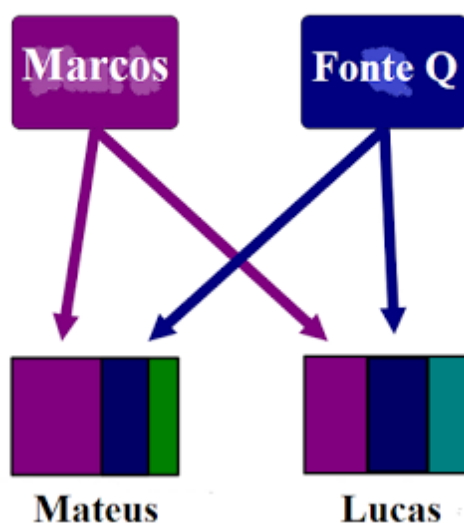
A hipótese da fonte Q e as origens dos evangelhos de Mateus e Lucas

A fonte Q é um texto dos ditos ou *logia* de Jesus, que é admitido como uma das duas fontes escritas que foram usadas como referência pelos escritores dos evangelhos de Mateus e Lucas. A outra fonte é o evangelho de Marcos, que é reconhecido como o mais antigo dos evangelhos. Esta fonte Q é definida como sendo o material encontrado tanto nos evangelhos de Mateus e de Lucas, mas que não é encontrado no evangelho de Marcos. A fonte Q é, supostamente, o material que é baseado na tradição oral do cristianismo primitivo, e conteria os ensinamentos de Jesus, talvez até mesmo escritos por ele mesmo.

Ao lado da *hipótese marconiana* (que afirma que o evangelho de Marcos é o mais antigo), a hipótese da fonte Q foi estabelecida em 1900, e ambas constituem os fundamentos dos estudos modernos sobre as origens dos evangelhos. O estudioso inglês Burnett H. Streeter formulou uma visão amplamente aceita de como seria a fonte Q: ela teria sido um documento escrito (e não apenas uma tradição oral), composta em grego, e que quase todo o seu conteúdo aparece em Mateus ou em Lucas, ou em ambos, e que o evangelho de Lucas é o que mais preserva sua forma original na ordem do texto do que Mateus. Na hipótese das duas fontes, Mateus e Lucas usam o evangelho de Marcos e a fonte Q como suas fontes. Alguns eruditos postulam que Q era na verdade uma pluralidade de fontes, algumas compostas por escrito, e outras orais. Outros tem tentado determinar as etapas nas quais Q foi composta.

Como toda hipótese científica, a existência de Q foi algumas vezes modificada, e até mesmo questionada. Um dos maiores críticos e céticos com relação à teoria da fonte Q foi Mark Goodacre, um professor neo-testamentário da Universidade de Duke, Carolina do Norte. Segundo ele a omissão do que deveria ter sido um documento cristão altamente precioso de todos os catálogos da Igreja primitiva, e que não é mencionado por parte dos padres da Igreja antiga, pode ser visto como um grande enigma para a moderna erudição bíblica. Contudo isso, muitos escolásticos explicam isso por apontar que copiar ou mencionar a fonte Q não era necessário, desde que ela havia se dissolvido em outros textos, nomeadamente os dois evangelhos canônicos (Mateus e Lucas), que haviam ganhado maior importância. O conselho editorial internacional do projeto Q sugere: "Durante o segundo século da era cristã, quando o processo de canonização estava começando a consolidar, os escribas não fizeram novas cópias de Q pelo simples fato de que o processo de canonização envolvia a escolha daquilo que deveria e do que não deveria ser usado na liturgia da igreja. Então eles preferiram fazer cópias dos evangelhos de Mateus e de Lucas, onde os ditos de Jesus tirados da fonte Q foram reformulados para evitar mal entendidos, para atender suas próprias necessidades e de sua compreensão daquilo que Jesus realmente queria dizer". Apesar dos desafios, a hipótese de duas fontes mantém amplo apoio, e permanece como base para os estudos modernos do Novo Testamento.

Hipótese das Duas Fontes



Esquema básico da Hipótese das Duas Fontes. Os Evangelhos de Mateus e Lucas foram escritos de forma independente, cada um usando Marcos e um segundo documento hipotético chamado "Q" como fonte. Q foi concebido como a mais provável explicação para o material comum (principalmente os ditos ou "logia" de Jesus) encontrado no Evangelho de Mateus e do Evangelho de Lucas, mas não em Marcos.

A História

Estudiosos do Novo Testamento do século XIX que rejeitaram a perspectiva tradicional da prioridade de Mateus, em favor da prioridade de Marcos, começaram a especular que os autores de Mateus e Lucas tiraram o material que eles têm em comum com o Evangelho de Marcos justamente desse evangelho. Mateus e Lucas, no entanto, também compartilham grandes seções de texto que não são encontrados em Marcos. Eles sugeriram que nem um dos dois evangelhos se guiou sobre o outro, mas em cima de uma segunda fonte comum, denominado Q.

Nos tempos modernos, a primeira pessoa a fazer uma hipótese de uma fonte Q foi um inglês chamado Herbert Marsh, em 1801, em uma solução complicada para o problema sinóptico que seus contemporâneos haviam ignorado. Marsh rotulou esta fonte com a letra hebraica Beth (ב).

A próxima pessoa a avançar na hipótese Q foi o alemão Friedrich Schleiermacher em 1832, que interpretou uma declaração enigmática de um dos primeiros escritores cristãos, Papias de Hierápolis, cerca de 125: "Mateus compilou os oráculos (em grego: *logia*) do Senhor de uma forma hebraica de expressão ". Mais do que a interpretação tradicional que Papias estava se referindo à escrita de Mateus em hebraico, Schleiermacher acreditavam que Papias estava realmente dando testemunho de uma coleção de ditos que estava disponível para os Evangelistas.

Em 1838, outro alemão, Christian Hermann Weisse, aceitou a sugestão de uma fonte de palavras de Schleiermacher, e à isso combinou com a idéia de prioridade de Marcos para formular o que é agora chamado a Hipótese das Duas Fontes, em que Mateus e Lucas usaram Marcos e da fonte de Ditos. Heinrich Julius Holtzmann aprovou esta abordagem em um tratamento influente do problema sinóptico, em 1863, e a hipótese das duas fontes manteve o seu domínio desde então.

Até este momento, "Q" era normalmente chamado de **Logia** por conta da declaração de Papias, e Holtzmann deu-lhe o símbolo Lambda (Λ). Perto do final do século 19, no entanto, dúvidas começaram a crescer na propriedade de ancorar a existência da coleção de ditos no testemunho de Papias, portanto, um símbolo neutro "Q" (que foi inventado por Johannes Weiss baseado na palavra alemã *Quelle*, foi adotado significado de origem) para permanecer neutro, independente da coleção de ditos e sua conexão com Papias.

Esta hipótese das duas fontes especula que Mateus "emprestou" material de Marcos e de uma coleção de ditos hipotéticos chamada Q. Para a maioria dos estudiosos, a coleção de ditos "Q" explica o que Mateus e Lucas compartilham - às vezes em exatamente as mesmas palavras - mas não são encontradas em Marcos. Exemplos de tais materiais são: As três tentações do diabo à Jesus, as bem-aventuranças, a Oração do Pai Nosso, e muitos provérbios individuais.

No livro "Quatro Evangelhos: Um Estudo das Origens (1924), Burnett Hillman Streeter argumentou que uma terceira fonte, conhecido como "M" e também hipotética, está por trás do material em Mateus e que não tem paralelo em Marcos ou em Lucas. Além disso, algum material presente apenas em Lucas pode ter vindo de uma fonte de "L", também desconhecida. Este Hipótese das Quatro Fontes postula que havia pelo menos quatro fontes para o Evangelho de Mateus e o Evangelho de Lucas: o Evangelho de Marcos, e de três fontes perdidas: Q, M e L (material de M é representado pelo verde no gráfico acima)

Durante todo o restante do século 20, houve vários desafios e refinamentos da hipótese de Streeter. Por exemplo, em seu livro de 1953 "O Evangelho Antes de Marcos", Pierson Parker postulou uma primeira versão de Mateus (conhecido como o "Aramaico M" ou Proto-Mateus) como a fonte primária. Parker argumentou que não foi possível separar o material de Streeter "M", a partir do material em Mateus paralelo à Marcos.

Nas duas primeiras décadas do século 20, foram feitas mais de uma dúzia de reconstruções de Q. No entanto, estas reconstruções diferiam tanto entre si que nem um único versículo de Mateus estava presente em todas elas. Como resultado, o interesse em Q diminuiu, e foi negligenciado por muitas décadas.

Este estado de coisas mudou a partir do ano de 1960, depois de traduções de uma coleção de ditos recém descobertos e análogos, o Evangelho de Tomé, tornou-se disponível. James M. Robinson, do Seminário de Jesus, e Helmut Koester propuseram que as coleções de provérbios, como Q e o Evangelho de Tomé, representam os primeiros materiais cristãos em um ponto inicial de uma trajetória que acabou resultando nos evangelhos canônicos.

Esta explosão de interesse após a descoberta do Evangelho de Thomas levou à reconstruções literárias cada vez mais sofisticados de Q, e até mesmo a especulação redacional, nomeadamente na obra de John S. Kloppenborg. Kloppenborg, através da análise de certos fenômenos literários e temáticos, argumentou que Q foi composta em três

fases. Na sua opinião, no estágio primitivo foi uma coleção de ditos de sabedoria que envolviam questões como pobreza e discipulado. Então, ele postula, esta coleção foi ampliada com a inclusão de um estrato de ditos de julgamento contra "esta geração". A fase final inclui a narrativa da tentação de Jesus.

Embora Kloppenborg alertou contra assumir que a história da composição Q é a mesma que a história da tradição de Jesus (isto é, que o estrato mais antigo de Q é necessariamente o estrato da tradição antiga e pura de Jesus), alguns pesquisadores recentes do histórico Jesus, incluindo os membros do Seminário de Jesus, fizeram exatamente isso. Baseando suas reconstruções, principalmente no Evangelho de Tomé e no estrato mais antigo de Q, eles propõem que Jesus era um filósofo sábio, ao invés de um rabino judeu, embora não todos os membros afirmam a hipótese das duas fontes.

No entanto, os estudiosos que apoiam a hipótese da evolução histórica de três estágios de Q, como Burton L. Mack, argumentam que a unidade Q vem não só do fato de ser compartilhada por Mateus e Lucas, mas também porque, nos estratos de Q como reconstruído, os estratos posteriores construídos em cima e pressupõem que os anteriores, ao passo que o inverso não é o caso. Assim, evidências de que Q tem sido revisado não é evidência para a desunião em Q, uma vez que as revisões hipotéticas dependem de ligações lógicas assimétricas entre os que devem ser postas como estratos posteriores e anteriores.

A Composição

No estudo da literatura bíblica, alguns estudiosos acreditam que um redator desconhecido compôs em língua grega um proto-evangelho. Pode ter estado em circulação em forma escrita no mesmo tempo da composição dos Evangelhos Sinópticos (ou seja, entre 65 e 95 d.C.). O nome "Q" foi cunhado pelo teólogo alemão e estudioso bíblico Johannes Weiss.

Os Evangelhos Sinópticos e a Natureza da Q

A relação entre os três evangelhos sinóticos vai além da mera semelhança dos pontos de vista. Os evangelhos frequentemente contam as mesmas histórias, geralmente na mesma ordem, e às vezes usando as mesmas palavras. Estudiosos notam que as semelhanças entre Marcos, Mateus e Lucas são grandes demais para serem explicadas por mera coincidência.

Se a hipótese das duas fontes estiver correta, então Q provavelmente teria sido um documento escrito. Se Q eram apenas uma tradição oral compartilhada, não poderia explicar as semelhanças quase idênticas, palavra por palavra entre Mateus e Lucas ao citar o material Q. Da mesma forma, é possível deduzir que Q foi escrito em grego. Se os Evangelhos de Mateus e Lucas estavam se referindo a um documento que tinha sido escrito em outra língua (por exemplo, o aramaico), é altamente improvável que duas traduções independentes teriam exatamente a mesma redação.

O documento Q deve ter sido composto antes dos Evangelhos de Mateus e Lucas. Alguns estudiosos chegam a sugerir Q pode até ter precedido Marcos. A data para a redação do documento final Q é muitas vezes colocada na década de 40 ou 50, nos anos do primeiro século, com alguns argumentando que sua chamada camada sapiencial (1Q, contendo seis discursos de Sabedoria) foi escrita no início dos anos 30.

Se Q existiu, então ele está perdido. Alguns estudiosos acreditam que ele pode ser parcialmente reconstruído, examinando elementos comuns a Mateus e Lucas (mas ausente em Marcos). Este Q reconstruído é notável na medida em que geralmente não descreve os acontecimentos da vida de Jesus: Q não menciona o nascimento de Jesus, a sua seleção dos 12 discípulos, a sua crucificação, ou sua ressurreição. Em vez disso, ele parece ser uma coleção de provérbios e citações de Jesus.

Argumentos a favor de Q

A existência de Q decorre do argumento de que nem Mateus nem Lucas estão diretamente dependentes um do outro na dupla tradição (definido pelos estudiosos do Novo Testamento, como material de que Mateus e Lucas partes que não aparecem em Marcos). No entanto, o acordo verbal entre Mateus e Lucas está tão perto em algumas partes da dupla tradição que a explicação mais razoável para esse acordo é a dependência comum em uma fonte escrita ou outras fontes. Mesmo que Mateus e Lucas sejam independentes, a hipótese da fonte Q diz que eles usaram um documento comum. Os argumentos para Q ser um documento escrito incluem:

Às vezes, a exatidão na formulação é impressionante, por exemplo, a narrativa de Mateus 6:24 é igual à de Lucas 16:13 (27 e 28 palavras gregas, respectivamente); também a narrativa em Mateus 7:7-8 é igual à Lucas 11:9-10 (24 palavras gregas cada).

Há, por vezes, em comum, na ordem entre os dois, como por exemplo, no Sermão da Planície/Sermão da Montanha.

A presença de parênteses, onde Mateus e Lucas, por vezes, cada um apresentam duas versões de um ditado semelhante, mas em um contexto diferente, apenas uma dessas versões aparece em Marcos. Parênteses podem ser consideradas como um sinal de duas fontes escritas, ou seja, Marcos e Q. Lucas menciona que ele sabe de outras fontes escritas sobre a vida de Jesus, e que ele tinha investigado a fim de recolher o máximo de informação.

O fato de que não existe nenhum manuscrito de Q atualmente não argumenta necessariamente contra a sua existência. Muitos textos do cristianismo primitivo já não existem, e só por acaso sabe que eles existiram uma vez, devido à sua citação ou a sua menção nos textos existentes. Como o texto de Q foi incorporado ao corpo de Mateus e Lucas, a importância de preservá-lo tornou-se menos importante, bem como o interesse em copiar Marcos parece ter sido extinto substancialmente, uma vez que ele foi incorporado em Mateus.

As Objeções contra Q

Embora a maioria dos estudiosos aceite a hipótese de duas fontes, muitos nunca foram inteiramente satisfeitos com isso. A dificuldade tende a girar em torno de Q. A Hipótese de Duas fontes explica a dupla tradição, postulando a existência de um "ditado de Jesus" perdido, documento conhecido como Q. É este, em vez de prioridade de Marcos, que forma a característica distintiva da hipótese.

Embora essa hipótese continue a ser a explicação mais popular para a origem dos evangelhos sinóticos, a existência de "concordâncias menores" levantou sérias preocupações. Estes concordâncias menores são aqueles pontos onde Mateus e Lucas concordam contra ou além de Marcos precisamente dentro de seus versos de Marcos (por exemplo, a questão de zombaria no espancamento de Jesus: "Quem é que te bateu?" (Lucas 22:64 /Matt 26:68), encontrados tanto em Mateus e Lucas, mas não em Marcos, embora deva ser notado que esta "concordância menor" cai fora da faixa geralmente aceita de Q). As "pequenas concordâncias", assim, põem em causa a proposição de que Mateus e Lucas conheciam Marcos mas não o outro, por exemplo, Lucas poderia ter sido de fato seguido por Mateus, ou pelo menos uma fonte como Mateus. Peabody e McNicol argumentam que até uma explicação razoável como a Hipótese de Duas Fontes não é viável.

Em segundo lugar, como é que uma grande e respeitada fonte, usada em dois evangelhos canônicos, desapareceria totalmente? Se Q existisse, estas palavras de Jesus teriam sido altamente valorizadas na Igreja Primitiva. Permanece um mistério como um documento tão importante, que foi a base de dois evangelhos canônicos, pode ser totalmente perdido. Um mistério ainda maior é que os extensos catálogos da Igreja compilados por Eusébio e Nicéforo iriam omitir uma obra tão importante, e tais catálogos, no entanto, incluem narrativas como o Evangelho de Pedro e o Evangelho de Tomé. A existência de um documento de palavras altamente valiosas em circulação indo não mencionado pelos Padres da Igreja Primitiva continua sendo um dos grandes enigmas da erudição bíblica moderna. Pier Franco Beatrice argumenta que até que esses problemas sejam resolvidos, Q permanece em dúvida.

Alguns estudiosos afirmam que o Evangelho de Mateus, de acordo com os hebreus foi a base para a tradição sinótica. Eles apontam que na primeira seção da *De Viris Illustribus* (*De Viris Illustribus* (Sobre homens ilustres em latim) é uma coleção de cento e trinta e cinco pequenas biografias compiladas pelo pai da Igreja latina do século IV dC, Jerônimo), encontramos o Evangelho de Marcos onde deveria estar como foi o primeiro evangelho a ser escrito, e foi a base de evangelhos posteriores. Depois que deveria ser Q. Mas não é só Q não está onde deveria estar no topo da lista de Jerônimo, este trabalho precioso a gravação dos Logia de Cristo não é mencionado em nenhuma parte por Jerônimo. Em vez disso, o primeiro documento seminal não é Q, mas o Evangelho Segundo os Hebreus. O lugar de honra da lista, que deveria ser dada ao documento Q, é ocupado por um texto hebraico.

Austin Farrer, Michael Goulder, e Mark Goodacre também argumentam contra Q, mantendo a prioridade de Marcos, alegando o uso de Mateus por Lucas como fonte. Essa visão veio a ser conhecida como a Hipótese de Farrer. Seus argumentos incluem:

Farrer, em seu artigo de 1955, e que foi o primeiro a delinear esta hipótese, observa que, quando encontramos dois documentos que contêm material comum, idêntico nas palavras e frases que eles usam para descrever algumas cenas, a explicação mais simples é que um dos dois usou o outro como uma fonte, em vez de ambos utilizando um terceiro documento como uma fonte.

Goulder aponta para frases comuns de Mateus como "raça de víboras", "produzir frutos", e "lançado no fogo", e que cada uma delas aparece em Lucas apenas uma vez, em uma passagem de Q. A conclusão de Goulder, com base em estilos de escrita, é que Mateus é a fonte para esses ditos "Q".

Goodacre observa que não há cópia existente do Q, e que nenhum escritor da igreja primitiva faz uma referência explícita a um documento semelhante a Q, que os estudiosos modernos têm reconstruído a partir do material comum em Lucas e Mateus.

Enquanto defensores dizem que a descoberta do Evangelho de Tomé suporta o conceito de um "Evangelho de Ditados", Mark Goodacre aponta que Q tem uma estrutura narrativa como reconstruído, e não é simplesmente uma lista de palavras.

Outros estudiosos têm argumentos contra a Q:

Há um "Fumus Boni Juris" que dois documentos, ambos corrigindo a linguagem de Marcos, acrescentando narrativas de nascimento e um epílogo da ressurreição, e adicionando uma grande quantidade de "material de palavras" é provável que se assemelhem entre si, ao invés de ter tal escopo semelhante por coincidência.

Especificamente existem 347 casos (pela contagem de Neiryneck), onde uma ou mais palavras são adicionadas ao texto de Marcos, tanto em Mateus e Lucas, que são chamadas de "pequenas semelhanças" contra Marcos. Em 198 casos envolvem uma palavra, 82 envolvem duas palavras, 35 envolvem três palavras, 16 envolvem quatro palavras e outras 16 ocorrências envolvendo cinco ou mais palavras nos textos existentes de Mateus e Lucas, em comparação com as passagens de Marcos.

John Wenham (1913-1996) aderiu à hipótese agostiniana de que Mateus foi o primeiro Evangelho, Marcos o segundo, e Lucas o terceiro, e opôs por motivos semelhantes aos que sustentam a hipótese de Griesbach (conhecida como Hipótese dos Dois Evangelhos)

Eta Linnemann, um antigo discípulo de Bultmann, rejeitou Q e a prioridade de Marcos, para uma variação da Hipótese dos Dois Evangelhos, que sustenta que a exigência Mosaica para "duas testemunhas" exige dois evangelhos: um evangelho judeu e outro evangelhos para a necessidade do público na Diáspora.

Os conteúdos notáveis de Q

Algumas das mais notáveis porções do Novo Testamento que são acreditados terem sido originados em Q:

- As bem-aventuranças
- Amai os vossos inimigos
- Regra de Ouro
- Não julgueis, para que não sejais julgados
- O teste de uma boa pessoa
- A Parábola dos Sábios e os Construtores Tolos
- A Parábola da Ovelha Perdida
- A Parábola da Festa de Casamento
- A Parábola dos Talentos
- A Parábola do Fermento
- A Parábola do cego guiando outro cego
- A Oração do Pai Nosso
- A exposição da Lei
- Os pássaros do céu e os lírios do campo

Referências bibliográficas sobre o assunto:

Introduction to the New Testament, Everett F. Harrison, Wm. Eerdmans (1971)

A Formação do Novo Testamento, Oscar Cullman, Ed. Sinodal (2001)

História da formação do Novo Testamento, Pinheiro Martins, Ed. CELD (1993)

Introdução ao Novo Testamento, Werner G. Kümmel, Ed. Paulus

The five gospels. Harper San Francisco. Funk, Robert W., Roy W. Hoover, and the Jesus Seminar, [1993]

Introduction to the New Testament, Everett Falconer Harrison [1971] Wm. Eerdmans

Ehrman, Bart D. (2004). The New Testament: A Historical Introduction to the Early Christian Writings. New York: Oxford.

Three Views on the Origins of the Synoptic Gospels, Robert L. Thomas

The Biblical Canon: Its Origin, Transmission, and Authority, Lee Martin McDonald

Exploring the Origins of the Bible: Canon Formation in Historical, Literary, and Theological Perspective (Acadia Studies in Bible and Theology) Craig A. Evans, Emanuel Tov, Lee McDonald

The Canon Debate, Lee Martin McDonald, James A. Sanders